

A descoberta de Ártemis de Éfeso

*Marga J. Stroehler**

RESUMO

Neste artigo apresento um panorama sobre o surgimento e a expansão do culto à deusa Ártemis. Ártemis foi a mais popular das deusas greco-romanas e asiáticas, cultuada desde Acádia, Ática e Delos até Roma, mas teve destaque na região da Ásia Menor. Na tradição mais antiga, Ártemis representa a evolução de uma Deusa Mãe e, em Éfeso, local de seu mais importante templo, assimilou uma antiga divindade da fecundidade asiática, a *Magna Mater*, e correspondia à Perséfone, à Diana, à Cibele da Ásia Menor. Ártemis era a representação da deusa independente e livre. A vinculação e a experiência religiosa das mulheres cristãs da Ásia Menor com essa deusa também serviram de referências em seus papéis independentes e de liderança religiosa nas comunidades cristãs.

Palavras-chave: Ártemis, deusas, Éfeso, Ásia Menor, experiência religiosa de mulheres, mulheres no cristianismo.

The discovery of the Efese's Artemis

ABSTRACT

This article presents a panorama of the growth and expansion of the cult of Artemis. Artemis was the most popular Greek-Roman Goddess, venerated from Acadia,

* A autora fez estudos de mestrado e doutorado em Teologia Bíblica (Novo Testamento); é professora e coordena o Núcleo de Pesquisa de Gênero da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. [marga@est.com.br]

Aticca, Delos till Rome, but especially in the region of Asia Minor. She was represented as a Goddess Mother, and in Efese, the most important place of worship, she was assimilated with goddesses of fertility and related to Persefone, Diana, Cibele. She represented independence and liberty. The connection with this goddess in the religious experience of Christian women in Asia Minor brought about roles of independency and religious leadership in the Christian communities.

Keywords: Artemis, goddesses, Efese, Asia Minor, religious experience of women, women in christianity.

El descubrimiento de Ártemis de Éfeso

RESUMEN

En este artículo presento un panorama sobre el surgimiento y la expansión del culto a la diosa Artemis. Artemis fue la más popular de las diosas greco-romanas y asiáticas, venerada desde Acadia, Ática y Delos hasta Roma, pero tuvo más aceptación en la región de la Asia Menor. En la tradición más antigua, Ártemis representa la evolución de una Diosa Madre y, en Éfeso, lugar de su más importante templo, asimiló una antigua divinidad asiática de la fecundidad, la *Magna Mater*, y correspondía a la Perséfone, a la Diana, a la Cibele, a la Diosa Madre de la Asia Menor. Artemis era la representación de la diosa independiente y libre. La vinculación y la experiencia de las mujeres cristianas de la Asia Menor con esta diosa sirvieron también de referencia para sus roles independientes de liderazgo religioso en las comunidades cristianas.

Palabras-claves: Artemis, diosas, Éfeso, Asia Menor, experiencia religiosa de mujeres, mujeres en el cristianismo.

Ártemis, a deusa independente!

Ártemis foi a mais popular das deusas gregas. Cultuada na Acádia e na Ática, seu surgimento está ligado a Delos, uma região pouco habitada na época (remonta a uma época antes de Homero). Presume-se que, na tradição mais antiga, ela representa a evolução de uma Deusa Mãe, e tanto ela quanto sua irmã Atena foram consideradas virgens, porque nunca se submeteram a um casamento monogâmico,

Seu rechaço ao matrimônio, sem embargo, foi mal interpretado como virgindade por gerações sucessivas de homens que relacionavam a perda da virgindade somente com o matrimônio convencional. Por outro lado, como deusa mãe ou como virgem, Ártemis era dona do controle de si mesma; a falta de uma conexão permanente com um homem através de uma relação monogâmica é a pedra chave de sua independência (POMEROY: 1987, 19-20).

A Acádia de Ártemis é uma terra selvagem, perigosa e rude, sob *uma outra lógica, força e sabedoria*, diferente da idéia romântica de pastores idílicos e ninfas belas, como, muitas vezes, foi representada em textos filosóficos (DOWNING: 1981, 166).

Ártemis é irmã gêmea de Apolo e filha de Leto e Zeus. Leto foi amaldiçoada por Hera, movida pelo ciúme que sentia em Zeus ter filhos com sua amante. O parto de Leto foi longo e difícil, com duração de nove dias e nove noites. De acordo com a narrativa de Calímaco, no *Hino a Ártemis*, esse sofrimento só aconteceu no nascimento de Apolo, não no de Ártemis, que nasceu primeiro e ajudou sua mãe no trabalho de parto (PARIS, 1994, 153). Sua relação gêmea com Apolo mostra as duas faces da divindade, claridade e escuridão, divindade e mortalidade, masculino e feminino; assim, Ártemis está ligada à lua, e Apolo, ao sol, (DOWNING, 1981, 178). No contexto romano, Ártemis é identificada com Diana. Na cidade de Filipos, colônia militar romana, encontram-se diversos relevos votivos esculpidos em rochas,

provavelmente por mulheres artistas e artesãs, e pelo menos, sete inscrições em latim e uma em grego fazendo referência à deusa Diana (*Deanae*), cujo correlato em grego ou tráciano é Ártemis e Bendis, respectivamente, (ABRAHAMSEN: 1995, 32, 45). Abrahamsen (1995, 28-9; 53ss) apresenta interessantes imagens de relevos e de inscrições da deusa Diana/Ártemis na região de Filipos, na Ásia Menor.

Ártemis está ligada à vida selvagem, distante da perseguição dos homens. Era a senhora das coisas selvagens – uma deusa da caça. Frequentava as montanhas e os prados e estava associada à primavera, ao culto das árvores e aos rios. Era a deusa que tinha controle sobre a natureza; podia ajudar os caçadores, mas também cuidava dos animais selvagens – é chamada de deusa da caça e senhora dos animais (ELLIGER: 1992, 117). Deusa das florestas e prados, Ártemis é a protetora da fauna e da flora, e, também, das amazonas, das guerreiras e das caçadoras, que, como ela, eram independentes do jugo do homem. Sua imagem original grega é construída a partir de uma bela mulher, vestindo uma túnica curta, escandalosa para a época, portando arco e flecha e, geralmente, em companhia de belas ninfas e animais selvagens, como leões, ursos. Era implacável com ninfas que se subjugavam à sedução e dominação masculina (PARIS, 1994, 145-146; GRIMAL, 1981, 117).

Como deusa associada à lua, Ártemis frequentemente foi identificada com outras divindades da lua, como Hecate e Selene, e a deusas orientais como Cibele, Astarte e Ariadne (ABRAHAMSEN: 1995, 46). Sua recusa aos homens foi interpretada como lesbianismo, mas sua relação com as ninfas não é sexual. Isso não quer dizer que ela não seja movida pela beleza das mulheres e que recuse qualquer intimidade sexual com mulheres, ou que nunca se entregue a alguém, feminino ou masculino (DOWNING: 1981, 178). Ártemis é a representação profunda e absoluta da feminilidade, pois não está definida por qualquer realidade ou relação, positiva ou

negativa, ao masculino, como, por exemplo, a um amante como Afrodite, nem a uma criança, como Deméter; a um pai, como Atena, nem a um marido como Hera (PARIS, 1995, 145-146; DOWNING, 1981, 178). Seus principais atributos eram a liberdade e a independência.

Ártemis está vinculada aos ciclos vitais das mulheres, como a menstruação, a geração de crianças e a morte – quando a morte chegava de repente a uma mulher, dizia-se que ela tinha sido ferida por Ártemis. Embora deusa virgem, ela é patrona e protetora do parto, e as mulheres recorrem à sua proteção e à sua assistência na hora do parto, (POMEROY, 1987, 19; PARIS, 1995, 153-154). Paris menciona que as parteiras primitivas, geralmente, não eram mães, sendo, com frequência, mulheres estéreis ou celibatárias.

Pomeroy (1987, 102) lembra que estudos de tumbas mostram que os partos eram difíceis, e a mortalidade materna era expressiva no mundo antigo. Medeia dizia que preferia ficar três vezes na primeira linha de um campo de batalha que dar à luz uma criança (Eurípedes, *Medeia*). Desde a época clássica até o período romano, as mulheres excediam em número em relação aos homens como devotas de Asclépio, deus da saúde. Platão sugere exercícios físicos para as mulheres grávidas e vinte anos como a idade mínima para ter a primeira criança, como forma de prevenir a morte materna, (República, 5.452; 5.460). E, no seu tratado *As Leis* (6.785; 8.833D), texto mais tardio, sugere a idade entre 16 e 20 anos (*As Leis*, 6.785; 8.833D). Aristóteles propõe que, durante a gravidez, as mulheres da polis deveriam ter um bom regime alimentar, fazer passeios diários para se exercitarem, visitar os templos das divindades protetoras de parturientes e que dezoito anos é a idade ideal para as mulheres casarem-se e ter filhos, pois o parto de uma mulher muito jovem é penoso, e elas morrem em maior número (*Política*, II, 7.14.4; 7.14.9 (1335 a-b)). Não é estranho, então, que as mulheres se ligassem a divindades femininas que pudessem representar alguma segurança durante o parto, como era o caso de Ártemis.

Ártemis recebia as vestes das parturientes como reconhecimento de um bom parto. É a deusa da vida, mas, também, da morte, pois a

morte de uma parturiente é atribuída à Ártemis, e as roupas das falecidas, nessas circunstâncias, eram dedicadas à deusa. Ártemis, além de protetora das parturientes, também a guardiã de crianças pequenas e recém-nascidas, de moças e de rapazes, e das mulheres jovens prestes a casar. Um sacrifício à Ártemis faz parte do ritual pré-nupcial. Moças traziam oferendas antes do casamento; entre elas estavam as bonecas, os brinquedos e as roupas usadas na infância. Esse ritual lembra às jovens das coisas que renunciam pelo casamento. Elas invocam a presença de Ártemis para as peculiaridades femininas e as situações de sofrimento e perigo que fazem parte do casamento, especialmente o parto (DOWNING, 1981, 182; NILSSON, 1940, 15-16).

O culto à Ártemis difundiu-se por todo o mundo greco-romano e teve destaque na região da Ásia Menor, onde importantes templos foram dedicados – há evidências arqueológicas de mais de 30 templos de Ártemis nessa região (NOGUEIRA, 1998, 131). Ártemis foi a mais proeminente e poderosa divindade da área urbana de Éfeso, tendo aí seu mais importante santuário no mundo greco-romano: “Grande é a Ártemis dos efésios!”, cuja majestade “toda a Ásia e o mundo adoram” (At 19.27, 28, 34). Dada a popularidade e importância do culto de Ártemis, em Éfeso, entende-se o conflito entre Paulo, com Gaio e Aristarco, e os ourives que faziam imagens da deusa, por pregar que “não são deuses os que são feitos por mãos humanas”. Por outro lado, conforme Atos 19.37, parece que não entram em direta contraposição à Deusa: “esses homens não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa.”

Em Éfeso, Ártemis assimilou uma antiga divindade asiática da fecundidade – a Magna Mãe –, e correspondia à Perséfone, à Diana romana e à Cibele – a Deusa Mãe da Ásia Menor,¹ que tem sua origem na Frígia – e representava, no período helenístico, o amálgama de elementos religiosos indígenas, persas e greco-romanos, por

1. Para mais detalhes sobre a Deusa Mãe da Ásia Menor veja a importante obra de Lynn E. Roller, *Em busca da Deusa Mãe*, alocada na bibliografia.

isso, tornou-se tão popular (PFEIFER, 1993, 232; ELLIGER, 1992, 27; OSTER, 1990, 1727; NOGUEIRA, 1998, 130-1). Em alguns documentos antigos, ela é vista, da mesma forma que Ísis, como deusa salvadora;² e seu templo servia de asilo para devedores e desamparados (STAMBAUGH & BALCH: 1996, 138). Missionárias e missionários itinerantes tinham a tarefa de divulgar o culto à Ártemis em outras partes do mundo (LIBÂNIO, *Oração*, 5.29). Estrabão relata que a deusa veio em sonho a uma mulher para que levasse sua estátua em uma expedição colonizadora a fim de que a estátua efesina de Ártemis fosse conhecida e venerada em outras cidades³.

A deusa tinha adeptos de ambos os sexos, mas era mais cultuada pelas mulheres. Em alguns de seus templos, não era permitida a participação de homens, o que implicava a organização de um sacerdócio ou uma liderança exclusivamente feminina (ABRAHAMSEN, 1995, 47). Do templo de Ártemis em Éfeso – o *Artemisium* – fazia parte um grande número de oficiais, masculinos e femininos. Segundo Keener (1995, 266), há várias inscrições de Éfeso indicando que muitas mulheres foram sacerdotisas de Ártemis e, no tempo do Império, o sumo sacerdócio era assumido por uma suma sacerdotisa (FIORENZA, 1992, 284). O *artemision*, entre março e abril, era um mês dedicado para a adoração da deusa, que atraía pessoas das diversas províncias para as atividades religiosas, entre elas uma procissão (PFEIFER: 1994, 232).

Ártemis e a cidade de Éfeso

Desde a colonização grega da costa jônica no século IV a. E.C., Éfeso foi um centro religioso para muitos povos. De uma pequena colônia, tornou-se a *primeira e maior metrópole da Ásia*,

e isso teve importante contribuição para a vida religiosa da Ásia Menor. Havia menos presença de cultos orientais, em comparação com as cidades da Síria e Frigia. Éfeso, nesse sentido, era uma cidade geograficamente oriental, porém, seu *ethos* religioso era mais ocidental (OSTER, 1990, 1726-1727).

A importância do templo de Ártemis ficou evidente pelas escavações que aconteceram na cidade de Éfeso a partir do século XIX. A primeira escavação importante da cidade começou em maio de 1893, com o arquiteto inglês John Turtle Wood, que foi com o objetivo de iniciar uma escavação do templo de Ártemis nos arredores de Éfeso. Conseguiu chegar às ruínas do templo em 31 de dezembro de 1896.

Um dos benefícios das investigações foi o conhecimento de vários cultos e religiões e a restituição do multifacetado e variado fenômeno religioso na Éfeso antiga. Desde que a religiosidade recebeu certa atenção dos estudiosos, dois cultos têm recebido atenção especial: o culto de Ártemis de Éfeso e o culto Egípcio (OSTER, 1990, 1663 e 1665). No entanto, vários cultos e divindades faziam parte do panteão religioso da cidade: Afrodite, Asclépio, Apolo, Atena, Ártemis, Deméter, Dionísio, Hera, Zeus, cultos egípcios, do quais se destaca o culto à Ísis; à Deusa Mãe, entre outros (OSTER: 1990, 1667-98). Esses cultos mostram uma cidade helenizada na época imperial. Havia vários templos na área de Éfeso, incluindo os imperiais dedicados aos imperadores Domiciano e Adriano (ELLIGER, 1992: 89-90; STAMBAUGH & BALCH, 1996, 139). O mais importante culto, durante os três primeiros séculos do Império Romano, foi o de "Ártemis de Éfeso" (*Artemis Efesia*). A Ártemis de Éfeso, no entanto, era uma deusa da fertilidade, não da caça, sendo identificada com as deusas-mãe da Ásia Menor. Sua fama pode ser conferida na frequência com que seu nome aparece em documentos oficiais, tanto inscritos quanto numismáticos, na tradição sacra da história de Éfeso, em monumentos arquitetônicos

2. Conforme Estrabão, Geografia, 14.1.22 e Aquiles Tácio, 7.13 a 8.14.

3. (Geografia, 4.1.1). Os textos de Estrabão, Aquiles Tácio e Libânio foram citados por (STAMBAUGH & BALCH: 1996, 138).

locais, na literatura e na predominância de seu nome no calendário litúrgico dos efésios (OSTER, 1990, 1699).

O templo de Ártemis em Éfeso não é apenas o mais importante dessa cidade, mas também o mais importante santuário de Ártemis no mundo greco-romano. Sua importância está registrada até em textos cristãos, como o de Atos dos Apóstolos: "Quem, porventura, não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande deusa Ártemis e da imagem que caiu de Júpiter?" (At 19.35). Esse impressionante templo era considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. A história de Éfeso está marcadamente ligada à Ártemis. É difícil precisar a data da chegada do culto à região; provavelmente na época helenista (OSTER, 1990, 1708). Éfeso era um centro religioso que provia lugar para qualquer religião mundial. Porém, designou um lugar especial para o culto de Ártemis, o qual influenciou toda a esfera cívica, econômica, cultural, política e religiosa da cidade, produzindo, assim, um vínculo distintivo entre a cidade, seus habitantes e a deusa Ártemis.

Uma ilustração numismática, indicando a aliança entre a cidade e a deusa, é encontrada em moedas de Homonoia – uma cunhagem própria de Éfeso – nas quais Ártemis aparece representando lugares de Éfeso celebrando o tratado entre essa cidade e Alexandria. No simbolismo numismático, a deusa corresponde à personificação da cidade (OSTER, 1990, 1700-1701; ELLIGER, 1992, 110-1). Uma técnica de iconografia escultural enfatizou esse conceito de aliança entre a deusa e a cidade: uma coroa em forma de muro e uma grinalda em forma de santuário colocadas na cabeça da imagem de Ártemis, como representação simbólica da proteção de Ártemis sobre a cidade, sua fortificação e sobre o templo (OSTER, 1990, 1701).

A importância de Ártemis mostra que, por mais que a cidade e o próprio culto tenham passado por inúmeras alterações em sua história, entre elas modificações iconográficas do templo,

ou mesmo uma aliança com o culto imperial, o culto à deusa sobreviveu às modificações culturais e políticas e sempre foi relacionada com o bem-estar da cidade. No entanto, Richard Oster chama a atenção para o fato de que o processo de helenização e romanização afetou o culto à deusa e sua multiforme influência na cidade (OSTER, 1990, 1728).

A cidade de Éfeso e o culto a Ártemis entraram em decadência a partir de 263 E.C., com a invasão dos godos. O templo de Ártemis fora destruído (262 E.C.), e a cidade não conseguiu mais manter o porto, perdendo, assim, seu fluxo comercial (PFEIFER: 1994, 231)⁴. Um século depois o imperador Constantino, já sob influência do cristianismo, reconstruiu a cidade, mas o templo não recebeu o mesmo tratamento.

Há fontes que mostram mais uma reconstrução do templo de Ártemis, após um incêndio em 356 E.C., por Heróstrates. Estrabão (*Geografia*, XIV) informa que foi feita uma grande campanha para a reconstrução do templo, para a qual as mulheres doavam suas jóias (COMBY & LÉMONON, 1988, 12). Contudo, mudanças geográficas fizeram com que a cidade entrasse em decadência. A baía onde se localizava o porto desapareceu, a cidade ficou distante do mar, e seus moradores mudaram-se para locais mais altos, e ela perde sua importância religiosa e comercial até seu desaparecimento.

Um olhar para experiências das mulheres

Uma aproximação às deusas e um olhar em direção às experiências das mulheres com as deusas significa considerar a realidade, o cotidiano e as experiências religiosas das mulheres do mundo antigo, incluindo as cristãs. São experiências que fizeram ou ainda faziam parte do universo e vivência das mulheres das primeiras comunidades cristãs.

4. Nos Atos de João, 37-45, há referência à destruição do templo de Ártemis, em Éfeso. Ver Philipp VIELHAUER, *Historia de la literatura cristiana primitiva*, p. 731, nota 8, e p. 737.

A experiência das mulheres da Ásia Menor e, em particular, de Éfeso é com a Deusa, que tanto está vinculada à virgindade quanto à maternidade, sendo Virgem, porém Deusa-Mãe. A virgindade não significa necessariamente abstenção sexual, mas primordialmente está associada à independência feminina, como é o caso das virgens sacerdotisas de Vesta. As mulheres cristãs da Ásia Menor, em suas tradições religiosas mais antigas, tiveram ou ainda mantinham algum vínculo com as deusas independentes. Essa independência serviu de referência importante para as mulheres cristãs em sua atividade como pregadoras e missionárias itinerantes e no exercício de liderança religiosa nas comunidades cristãs. Ártemis, por ser uma deusa que funciona como síntese, apresenta-se como um dos modelos de divindade próximo às mulheres cristãs da Ásia Menor. Ártemis tinha notáveis santuários em Éfeso e Filipos, em cujas cidades também havia importantes comunidades cristãs com liderança de mulheres com prestígio no movimento cristão, como Febe, Evódia e Síntique. E nos *Atos de Paulo e Tecla*, escrito no final do século II E.C., relata-se que a fama de Tecla, como virgem que curava e ensinava, fez com que a população da região de Selêucida, onde vivia, a identificasse com as virgens sacerdotisas da deusa Ártemis ou Diana: "A virgem é sacerdotisa da grande Deusa Diana, e tudo o que ela pede dela é concedido, porque ela é uma virgem e é amada por todos os deuses." Isso mostra que a influência da experiência religiosa com as deusas estava presente nas experiências religiosas das mulheres cristãs e nas representações que dela se faziam.

Nos dias atuais, Ártemis é novamente resgatada, especialmente na área da psicanálise, como arquétipo de uma feminilidade primitiva, não relacionada a realidades externas, sejam pelas funções sociais que desempenha seja pela realidade do mundo masculino (PARIS, 1994, 145-6). Ao mesmo tempo em que está vinculada aos ciclos vitais das mulheres e em sua presença em momentos ou rituais decisivos para elas,

como a adolescência, o casamento, o parto e rituais de fertilidade, ela se caracteriza pela liberdade e independência, vinculadas à sua virgindade, não estando presa a esses ciclos ou instituições sociais, pois não se submete a nada que a priva de sua independência. Suas representações são o exemplo da simultaneidade e da ambigüidade dessa deusa: na Grécia clássica com uma túnica longa e com arco, ou a imagem mais comum na época helenista, como amazona com uma túnica curta, demonstrando mobilidade, acompanhada por uma matilha ou filhote de cervo e uma aljava, ou, especialmente, nas estátuas do templo de Éfeso, como a deusa com o corpo coberto de seios múltiplos, representando símbolos de fecundidade. Suas ações também eram, ao mesmo tempo, a protetora como a que é implacável com quem não respeita seus princípios de independência e mobilidade.

Ártemis, que é muito bonita, talvez tão bonita quanto Afrodite, existe para santificar a solidão, o modo primitivo e natural de viver, para o qual todos [todas] voltamos quando achamos que é necessário pertencer a nós mesmos [mesmas]. Amazona e arqueira infalível, Ártemis garante a nossa *resistência a uma completa domesticação*. Além disso, como protetora da fauna e da flora, ela é a figura diretamente relacionada ao *debate ecológico contemporâneo e às escolhas sociais correlatas* (PARIS, 1995, 146).⁵

⁵ Grifos da autora.



Figura Ártemis autorizada por Nestor Paulo Friedrich

Bibliografia

- ABRAHAMSEN, Valerie. *Women and Worship at Philippi: Diana/Artemis and other cults in the early christian era*. Portland Maine: Astarte Shell Press, 1995.
- COMBY, J., LÉMONON, J. P. *Vida e Religiões no Império Romano no Tempo das Primeiras Comunidades Cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- DOWNING, Christine. Ártemis: the goddess who comes from afar. In: DOWNING, Christine. *The Goddess: Mythological Images of the Feminine*. New York: Crossroad, 1981, p. 157-85.
- ELLIGER, Winfried. *Ephesos: geschichte einer antiken weltstadt*. 2. Auf. Stuttgart: Kohlhammer, 1992.
- FIORINZA, Elisabeth Schüssler. *As Origens Cristãs a Partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- GRIMAL, Pierre. *Diccionario de Mitologia Griega y Romana*. 2. ed. rev. Buenos Aires: Paidós, 1981.
- KEENER, Craig S. Paul, *Women & Wives: marriage and women's ministry in the letters of Paul*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995.
- NILSSON, Martin P. *Greek Popular Religion*. New York: Columbia University, 1940.
- NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. *Cristianismos na Ásia Menor: um estudo comparativo das comunidades em Éfeso no final do primeiro século d.C. RIBLA*, [29], 1998/1, p. 122-41. (Cristianismos originários extrapalestinos (35-138 dC)).
- OSTER, Richard E. Ephesus as a Religious Center I. Paganism Before Constantine. In: HAASE, Wolfgang e TEMPORINI, Hildegard (Ed.). *Aufstieg und Nierdergang der Römischen Welt*. II, 18.3. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1990, p. 1661-728.
- PARIS, Ginette. *Meditações Pagãs: os mundos de Afrodite, Ártemis e Héstita*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PFEIFER, Charles (Ed.). *Diccionario Bíblico Arqueológico*. Michigan: Editorial Mundo Hispanico, 1993.
- POMEROY, Sara B. *Diosas, Rameras, Rsposas y Esclavas: mujeres en la antigüedad clásica*. Madrid: Akal, 1987.
- ROLLER, Lynn E. *Em busca da Deusa Mãe: o culto anatoliano de Cibele*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- STAMBAUGH, John E., BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu Ambiente Social*. São Paulo: Paulus, 1996.
- VIELHAUER, Philipp. *Historia de la Literatura Cristiana Primitiva: introducción al Nuevo Testamento, los apócrifos y los padres apostólicos*. Salamanca: Sigueme, 1991.